

# ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO DA PERSONAGEM INFANTIL TRANS NO ESPAÇO ESCOLAR NO PICTUREBOOK *WHEN KAYLA WAS KYLE*

ANALYSIS OF THE REPRESENTATION OF TRANS CHILDREN IN THE SCHOOL SPACE IN THE  
PICTUREBOOK *WHEN KAYLA WAS KYLE*

**Sara Regina de Oliveira Lima**

Universidade Estadual do Piauí  
sararegina@prp.uespi.br

**Diógenes Buenos Aires de Carvalho**

Universidade Estadual do Piauí  
diogenesbuenos@ccm.uespi.br

## RESUMO

É crescente a representação de personagens trans femininas e masculinas nos *picturebooks* de língua inglesa. Desde 2008 mais de 16 obras foram publicadas em formas e contextos diversos. Em observância aos espaços por onde essas personagens circulam, e o modo como negociam suas identidades, este artigo busca analisar o *picturebook When Kayla was Kyle*, escrito por Amy Fabrikant e ilustrada por Jennifer Levine (2013), focando nas adversidades vividas pela protagonista no contexto escolar em decorrência de sua identidade de gênero. Autores como Butler (2015), Meadow (2018), Oliveira (2018), Louro (2005), Andrade (2012), Caputo (2024), dentre outros fazem parte do escopo teórico desta pesquisa bibliográfica por meio da qual é possível afirmar que nesse *picturebook* a escola ainda se constitui um espaço de opressão para crianças trans.

**Palavras-chave:** Picturebooks; Personagens Trans; Escola.

## ABSTRACT:

The representation of female and male trans characters in picturebooks written in English has been on the rise. Since 2008, more than 16 books have been published in different forms and contexts. Considering the places where these characters navigate and the way in which they negotiate their identities, this paper seeks to analyze the picturebook "When Kayla was Kyle" written by Amy Fabrikant and illustrated by Jennifer Levine (2013), focusing on the adversities experienced by the protagonist in the school context due to her gender identity. Authors such as Butler (2015), Meadow (2018), Oliveira (2018), Louro (2005), Andrade (2012), Caputo (2024) among others are take in account as the theoretical scope of this bibliographic research through which it is possible to affirm that in this picturebook the school still constitutes a space of oppression for trans children.

**Keywords:** Picturebooks; Trans characters; School.

## 1. As personagens infantis trans nos *picturebooks*

Considerados por Nodelman (1988, p. 209) “uma fonte significativa de prazer”, os *picturebooks* são estruturas narrativas definidas pela interdependência, não limitante, de ilustrações e palavras para contar uma história. Segundo Salisbury e Styles (2012), eles são provenientes dos primeiros esforços de justaposição da imagem-palavra-enredo feitos pelo ilustrador Randolph Caldecott, que, posteriormente, ganharam mais expressividade devido às mudanças artísticas voltadas para produção dirigida à criança, ao avanço da tecnologia e à edição de livros.

As produções dessas obras em Língua Inglesa<sup>1</sup> tradicionalmente configuram-se num projeto gráfico que varia entre 29 a 40 páginas, sendo composto por contracapa, orelhas, capa dura, corpo da narrativa e papéis finais. Para além do reconhecimento desses elementos e da habilidade de compreensão da linguagem verbal, os *picturebooks* exigem empenho ao não dito pela palavra, trazendo para o contato com o texto a necessidade da percepção sensível ao que é expresso pela imagem<sup>2</sup>, dado que o universo das ilustrações existe por meio de diversas técnicas, estilos e funções articuladas que dão vida ao que está sendo narrado via projeções, linhas, quadros, expressões faciais e cores.

Polifônicos, tendenciosos, dinâmicos, eles tiveram sua efervescência no contexto norte-americano por volta de 1950, no mesmo período em que se observa a incorporação de recursos visuais cada vez mais sofisticados vide aprimoramento do *design* gráfico e de técnicas inovadoras de ilustrações. *Ginger Pye*, de Elizabeth Enright (1951); *The Happy Lion*, escrita por Louise Fatio e ilustrado por Roger Duvoisin (1954); *Little Bear*, de Else Holmelund Minarik; *Sparkle and Spin* com pinturas com cores vibrantes de Paul e Ann Rand (1957), sem dúvidas, compõem as primeiras produções. Soma-se ao campo a aclamada narrativa *Where the wild things are*, publicada pela Red Fox em 1963, do autor e ilustrador norte-americano Maurice Bernard Sendak, cujas inúmeras obras são consideradas grandes marcas no cenário dos *picturebooks*.

A partir de então, uma grande gama de temáticas pode ser observada. Pertencem a esse universo fascinante desde casos análogos aos contos de fada tradicionais, até temáticas complexas que tratem diretamente sobre a política, as sexualidades, os gêneros, a morte, as violências, os direitos humanos, o trabalho infantil, as parentalidades divergentes etc.

Dentre os interesses temáticos, ao observar a genealogia das obras é pertinente afirmar que em meados de 1970 e 1980<sup>3</sup> iniciaram-se os investimentos nas produções relacionadas a questões de gênero, a exemplo de *Girls can be anything*, de Norma Klein e Roy Doty (1973) que coloca o/a leitor/a diante de críticas anteriormente cunhadas pelo movimento feminista. Nesse cenário também surgem produções que trazem em seus enredos críticas à masculinidade hegemônica<sup>4</sup>, como é o caso de *Oliver Button is a Sissy*, de Tomie DePaola (1979), somada a narrativa *William's Doll*, de Charlotte Zolotow (1972), cuja personagem principal, sendo menino e tendo afetos direcionados a meninas, deseja vestir vestidos e brincar de boneca.

1 Uma vez que trabalhos sobre obras brasileiras já foram desenvolvidos, o artigo foca especificamente no contexto de língua inglesa dada a escassez de pesquisas desenvolvidas na área. Ademais, acredita-se que estas obras tendem a somar com a crítica literária, oportunizando pesquisas posteriores.

2 Tal processo pode ser mediado pelo letramento visual e multimodal, discutidos por Jon Callow (2005).

3 Vale explicitar que em 1936, *The Story of Ferdinand*, de Munro Leaf já apontava um possível caminho para uma crítica frente aos padrões normativos e papéis de gênero, pois nessa narrativa o touro Ferdinando preferia cheirar as flores a participar em touradas. Sullivan and Urraro (2017) incluiu-a como uma narrativa cuja personagem pode ser lida pelo viés da inconformidade de gênero, assim, gênero não-conformista.

4 Termo de Connell (1995) em *Políticas da Masculinidade*.

Com a guinada das representações político-sociais dos grupos LGBTQIA+, na década de 1990 houve a adoção de temáticas que salientaram famílias homo/lesboparentais, tais quais: *Two moms, the Zark and me*, de Johnny Valentine (1993), *In our Mothers' house*, de Patricia Polacco (2008), ou ainda as produções mais recentes de Lesléa Newman. Contudo, apesar de inúmeros avanços e do volume de obras publicadas, os padrões heteronormativos e binários eram recorrentes.

Diante dos fatos supracitados, não é falho afirmar que mesmo perante obras LGBTQIA+, personagens cisgêneros têm mais espaços do que personagens transgêneros no âmbito da literatura infantil. Foi somente nos anos 2000 que produções, a exemplo de *PugDog*, de Andrea U'Ren (2001) e *The Sissy Duckling*, de Harvey Fierstein e Henry Cole (2005), prognosticaram que literaturas com personagem que experienciam a não conformidade de gênero abriram espaço para os *picturebooks* proporcionarem o encontro do público infantil com personagens transgêneros, intensificando-se a partir de 2008 com a obra *10000 Dresses*, escrita por Marcus Ewert e ilustrada por Rex Ray<sup>5</sup>.

No campo da literatura para infância a presença das temáticas transgênero ainda se encontra na primeira fase, por meio da qual predomina o esforço de legitimação e visibilidade em detrimento ao que é considerado a “verdadeira literatura” (Madalena, 2017). Este primeiro passo é essencial para desmistificar e quebrar tabus, pois essa contribuição torna a literatura mais rica, sendo assim, “capaz de melhor espelhar a variedade de histórias de que é feito o mundo, como será mais fácil promover o respeito e a aceitação das identidades de múltiplas minorias, finalmente reconhecidas por aquilo que são” (MADALENA, 2017, p. 161).

Diante de tais constatações, ansiou-se intermediar o diálogo sobre identidade trans e literatura infantil. No que remete a metodologia deste artigo, buscou-se o levantamento de *picturebooks* escritos em língua inglesa que tratassem sobre a criança trans, utilizando diferentes descritores em Inglês na Internet, a saber: *children's literature; picturebooks; trans kids; LGBTQIA+ books for kids* e *trans characters*. Após a eliminação de materiais não ficcionais, selecionou-se 16 obras escritas em língua inglesa entre os anos 2008 e 2024, por fim, escolheu-se o *picturebook When Kayla was Kyle* dado que a narrativa acontece majoritariamente no ambiente escolar, possibilitando análise de cenas de adversidades e resistências vividas pela protagonista trans infantil no contexto escolar em decorrência de sua identidade de gênero.

Para análise de cunho bibliográfico do material textual-imagético, levaram-se em consideração as teorias de estudo de gênero, especificamente dos estudos trans feitos em âmbito internacional e nacional, que possibilitaram as seguintes reflexões nodais: a escola enquanto espaço de normalização dos corpos, a solidão imposta à criança trans e as resistências da protagonista frente à cisnormatividade.

## 2. Nota sobre (trans)generidade

O corpo é “um texto socialmente construído, um arquivo vivo da história do processo de produção-reprodução sexual” (BENTO, 2014, p. 105). Igualmente, é uma tessitura de aparências de gênero, que tem potencial para representar um complexo de (des)construções capaz de radicalizar as

5 O responsável pela linguagem imagética da obra foi o designer gráfico e ilustrador norte-americano cujos trabalhos apresentam, dentre outras, técnicas de colagem.

normas. As identidades de gênero não hegemônicas escapam dos aprisionamentos e investimentos discursivos de inteligibilidades binárias (BUTLER, 2015), assim como, as expressividades de gênero se articulam, ultrapassando as fronteiras cisnormativas.

Acerca de tal prerrogativa, Bento (2014, p. 109) considera que “o gênero adquire vida através das roupas que compõem o corpo, dos gestos, dos olhares, ou seja, de uma estilística definida como apropriada. São esses sinais exteriores postos em ação que estabilizam e dão visibilidade ao corpo”. Com isso, a estilística que abrange as próteses de gênero (PRECIADO, 2014) incorporadas à performatividade (BUTLER, 2015) vivificam práticas que interrompem a reprodução das normas de gênero.

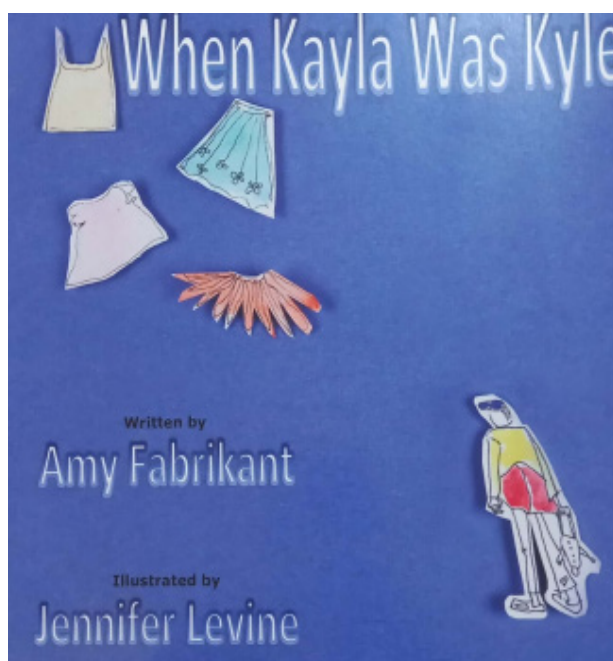
Seguindo as bases dos estudos de gênero, Stryker (2006, p. 254) definiu transgênero como “[...] termo guarda-chuva que se refere a todas as identidades ou práticas que atravessam, cortam, movem-se entre, ou de outra forma ‘queerizar’ fronteiras de sexo/gênero socialmente construídas”. Esse termo admite aqueles/as que identificam suas identidades de gênero de forma não cisnormativa; ademais, em muitos casos, com a identidade divergente das expectativas advindas do sexo biológico ou binárias, como é o caso dos/as não-binários/as e agêneros.

As compreensões sobre as crianças trans abraçam aqueles/as cujas experiências e os sentidos que elas/eles atribuem aos seus gêneros não lhes permitem encaixar na prontidão de seus corpos sexuados, isto é, são crianças que rejeitam em diferentes graus e modos suas atribuições de sexo natal como determinante de gênero, se autoidentificando, portanto, com outro gênero. No *picturebook* analisado a seguir, a transgeneridade da protagonista representa o caso de crianças transbinárias as quais esse processo de identificação se direciona ao gênero oposto.

### 3. *When Kayla was Kyle*

Composto por um projeto gráfico de 29 páginas, o *picturebook* *When Kayla was Kyle* foi escrito por Amy Fabrikant e ilustrado por Jennifer Levine (2013). Desde a capa, representada na ilustração 1, a proposta é revelada primordialmente pelo mecanismo de visualização do desenho feito a lápis e colorido em aquarela cuja versatilidade permitiu a criação de vários tipos de marcas sobre o papel liso por meio da colagem.

ILUSTRAÇÃO 1: capa



Fonte: arquivo pessoal dos autores.

Além do título que sugere à mudança de nome, nos desenhos da capa a imaginação criativa mostra referências à manipulação de vestimentas consideradas femininas pelo senso comum, representando objetos de desejo por parte da personagem, que aparece como menino deslocado no canto da página. Curiosamente, esses elementos que remetem ao gênero de transição dão indícios de que ao longo da narrativa a protagonista confrontará seu corpo com a possibilidade de ser uma criança transfeminina.

Ao longo da narrativa atesta-se que as performances que têm como referência a estética de próteses de gênero, isto é, as vestimentas (nesse caso, as roupas femininas) tanto buscam o processo de reconhecimento de feminilidade trans, quanto se revelam potencializadoras de violências, tal qual acontece no ambiente escolar o qual a protagonista frequenta. Isso se dá devido às idealizações de gênero serem “lugares inabitáveis, vazios de corpos, plenos de dor e frustrações” (BENTO, 2014, p. 113) dado que as normatividades geram produções de margens, asseguradas por desigualdades que conferem legitimidade às normas sustentadas por dominações.

Como visto, seja pela narrativa imagética ou textual, o primeiro contato com o *picturebook* já revela muito do enredo a ser lido. A epígrafe da obra é marcada pela poesia: «Que o primeiro ato de cada manhã seja um pensamento / Não terei má vontade para com ninguém / Que o sol suba alto no céu / e derrame sua graça sobre cada ser vivo” (FRABRIKANT; LAVINE, 2013, s.p). Apesar de um tom poético esperançoso advertir sobre a liberdade necessária para uma vida vivível, existe nas entrelinhas a sugestão de conflitos interpessoais a serem ultrapassados.

Na página seguinte, o início da narrativa é marcado pela voz do pai incentivando a filha<sup>6</sup>: Não desista, Kyle, disse seu pai. Se é importante, vale a pena lutar” (FRABRIKANT; LAVINE, 2013, s.p). O/a leitor/a é apresentado/a a Kyle que está no treino de basquete sendo incentivada pelo pai. Ao longo da narrativa a insistência do pai para que a filha treine e se enquadre aos padrões escolares e dos colegas de classe é entendida como um instrumento de alinhamento por meio do qual o corpo da protagonista deve se manter coeso, alinhado e disciplinado à masculinidade hegemônica. Tal estratégia não se distancia do que Travers (2018) adverte sobre o papel histórico do esporte em reforçar a ideologia binária e, conseqüentemente, a suposta superioridade masculina.

Chama atenção que a instituição escolar se constitui uma das mais importantes para o convívio social do ser humano por ser o local onde a maioria das crianças passa maior parte do tempo. Desde a infância até o início da fase adulta é nela onde os/as sujeitos/as estabelecem estreitas relações com a construção de significados e vivências. No *picturebook*, além de um local de correção do corpo via propagação da cisnormatividade, a escola é mapeada como palco da solidão, uma vez que, devido a sua subjetividade a personagem não encontra companhia para a realização de tarefas simples, a exemplo das atividades de escrita em grupo.

Cardoso (2020, p. 207), com seu texto *Quem enxerga a criança trans? Memórias de um menino transgressor*, revela sensivelmente que,

A escola era um ambiente abominável. Entrava aos prantos e assim saía, com o medo de sair da minha bolha de segurança. É na escola que as diferenças ficam a flor da pele, desde a sua roupa, seu comportamento, sua postura, até sua capacidade intelectual. A sensação de ser invisível se tornava ainda maior, e muitas pessoas de fato pensavam que eu era mudo ou esqueciam a minha presença, e isso nem sempre era visto, por mim, como algo ruim. Lembro-me muito bem de sentar à mesa sozinho, lanchar e ver todas as crianças brincando e se divertindo.

6 No início da obra a protagonista é apresentada como menino, Kyle, porém no corpo do trabalho mencionar-se-á sempre no feminino em respeito a sua identidade de gênero.

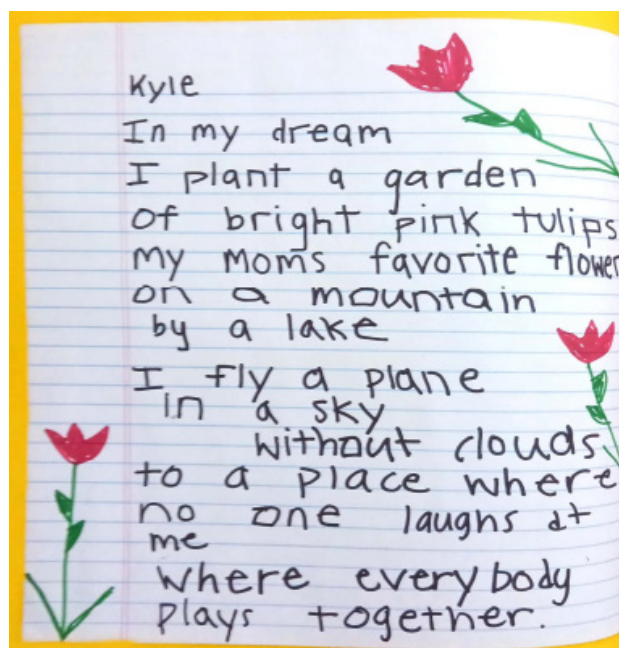
O drama da vida real também é evidenciado no *picturebook* pela propagação da denúncia de que crianças trans amargam a solidão no espaço escolar. A resposta para tais infortúnios pode ser respondida pelas prerrogativas de Foucault (1987) e Louro (2005; 2010) ao apontarem os rastros patriarcais, burgueses e heteronormativos como forjadores do currículo escolar. De mesmo modo, para Silva (2010) as representações culturais, as relações políticas, sociais e religiosas formam o poder do currículo, logo, forjam identidades. Essas lentes aplicadas ao contexto da obra literária torna indiscutível que o espelhamento e atenuação de padrões normativos frente às subjetividades da protagonista constituem desigualdades.

Ao levar em consideração corpos dissidentes na esfera educacional, Miskolci (2012, p. 44-47) propõe uma perspectiva *queer*, um olhar insubordinado menos afeito ao poder hegemônico e mais comprometido com os “sem poder, dominados, ou melhor subordinados”. Segundo o pesquisador “a proposta dos pós-coloniais, dos *queer*, em suma, dos saberes subalternos, é a de uma política da diferença, o reconhecimento de quem é diferente para transformar a cultura hegemônica”. Em vista disso, destacar as diferenças como base para aprendizagem não normalizadora desafia educar de forma dialógica com as experiências até hoje invisibilizadas e violentadas na literatura infantil e fora dela.

Atentando ainda aos episódios de solidão na obra literária, recorre-se a Yadegarfard (2014) para quem o sentimento de solidão afeta mais pessoas transgêneras do que cisgêneras, tendo como principais causas a rejeição, o isolamento e a falta de referências. Na medida em que a coletividade atribui pouco valor e suporte à identidade de gênero, a individualização dessa experiência acaba afetando o bem-estar mental das pessoas trans, como é exemplificado em *When Kayla was Kyle*.

Antes mesmo de contar a seus pais sobre sua transgeneridade, ao folhear as páginas e com a progressão do tempo na narrativa, a ideia da criança trans indicando sua identidade de gênero por meio de sua expressão de gênero foi diversas vezes ilustrada nos itens presentes em seu quarto, que representa seu lugar de reflexão. De mesmo modo, a arte sempre surge como uma válvula de escape cujo eu-lírico da protagonista é evidenciado, a exemplo da ilustração 2.

ILUSTRAÇÃO 2: confissões da protagonista



Fonte: arquivo pessoal dos autores.

A folha de caderno dá verossimilhança à escrita de Kyle. Fruto de uma aula, seu poema ao passo que traduz seu desconforto, revela a criação de um espaço onde ninguém zombasse dela. Em sua arte, as tulipas desenhadas são lidas com estratégia para retratar sua feminilidade e alcançar empatia frente ao momento de caos e desordem que vive, revelado pelo padrão de sua escrita. A função narrativa das ilustrações se agrega a função simbólica tendo em vista o intenso caráter metafórico, assim, observa-se que os desenhos, sempre postos em primeiro plano, estão acompanhados de cores sólidas que compõem o segundo plano.

Os intervalos entre suas aulas marcados por atividades específicas para meninos e meninas são motivos para seu pai mais uma vez encorajá-la a se engajar em atividades consideradas masculinas: “os meninos não gostarão de você se você fizer coisas de menina<sup>7</sup> (FRABRIKANT; LAVINE, 2013, s.p). Apesar disso, Kyle demonstra à mãe o desconforto em jogar basquetebol com meninos, por consequência, ao considerar os desdobramentos da protagonista na posição de um corpo dissidente em termos de gênero o espaço escolar é entendido como uma estrutura de regularidades nas formas de dominação que gera sua expulsão e fere seu direito a cidadania.

Bento (2011) discorda do termo “evasão” para os casos em que as crianças com identidade gênero dissidentes deixam o ambiente escolar hostil, pois ao serem vítimas de violências seu abandono ocorre a fim de evitá-las, tornando assim “expulsão” o termo apropriado. De mesmo modo, Andrade (2012) evidencia que a negação de travestis na sala de aula resulta em exclusão e evasão involuntária, marcando o fracasso da escola em lidar com as diferenças. Corroborando com a temática, Cornejo (2012) relembra que a escola pode declarar guerra a crianças afeminadas, tornando-se um local de tortura e dor, logo, crianças afeminadas e trans, na ficção ou não, lidam com faces cruéis dentro dos muros da escola.

Ademais, percebe-se a partir do recorte literário supracitado que o pai já tinha ciência da identidade de gênero da filha. Lida pelo viés foucaultiano, sua tentativa de insistir na prática de esportes faz lembrar a perspectiva do adestramento dos corpos por meio do qual “é dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado” (FOUCAULT, 2014, p. 134). Partindo disto, entende-se que os corpos dóceis são frutos da institucionalização de regras determinadas por diversos padrões ditados pela mecânica do poder. Portanto, a princípio o que o pai sugere é a guia da norma por meio do qual o corpo da filha e os seus feitos são sempre observados e corrigidos em observância ao próprio sistema cisgênero familiar e escolar no qual está inserida.

Fica evidente que os pais parecem relativizar ou minimizar o isolamento sofrido pela personagem, pois suas tentativas de faltar aos jogos, expressadas através de profundo descontentamento, são ignoradas. Seu refúgio mais uma vez é a escrita, e é por meio da poesia que encontra uma forma de mostrar o seu EU solitário e entristecido: “Solidão / Me sinto sozinha / Ninguém mais é como eu / Estou perdida / Eu não me encaixo no mundo<sup>8</sup>” (FRABRIKANT; LAVINE, 2013, s.p). Na ocasião, observa-se a chamada “rede de exclusão”<sup>9</sup> cujo processo de segregação está relacionado à ausência de ações contra o estigma e o preconceito.

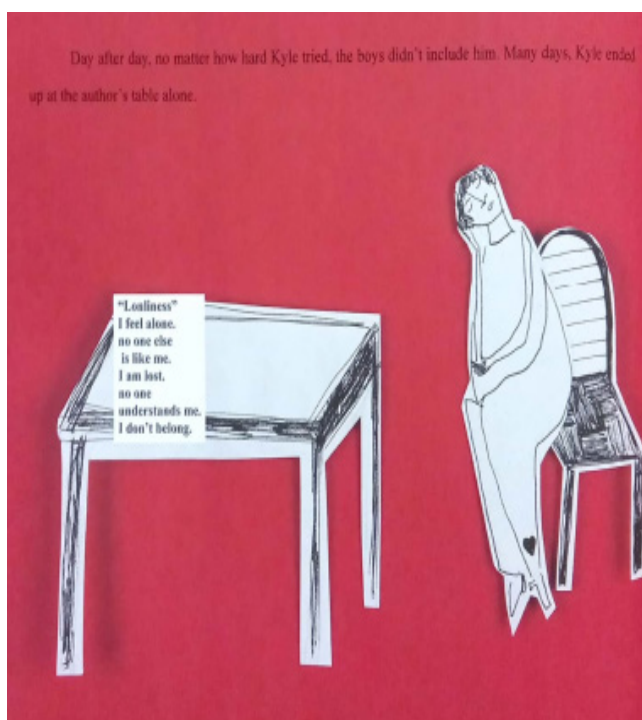
O espaço da narrativa que é dado aos poucos a protagonista trans é aproveitado para mostrar sua resistência às normas impostas pela escola e pela família por meio de fazeres artísticos, como ressalta a ilustração 3.

7 Tradução nossa: “the boys won’t like you if you do girl stuff” (FRABRIKANT; LAVINE, 2013, s.p).

8 Tradução nossa: “Lonliness I feel alone no one else is like me I am lost. No one understands me I don’t belong (FRABRIKANT; LAVINE, 2013, s.p).

9 Termo cunhado por Junqueira (2012).

## ILUSTRAÇÃO 3: solidão



Fonte: arquivo pessoal dos autores.

As cores vermelhas e pretas estão postas predominantemente nos momentos em que os sentimentos de solidão, tristeza, medo e apreensão tomam conta das expressões faciais da protagonista e do texto escrito. Nota-se que a ilustração acima evidencia a personagem mal acomodada, pois a cadeira não lhe é confortável. De modo simbólico, a sensação que se tem de que ela está quase caindo da cadeira representa seu deslocamento e não acomodação frente ao gênero socialmente imposto já que ser Kyle compromete o seu bem viver.

Posteriormente os desabafos da protagonista advertem para as dificuldades que estudantes trans enfrentam para concluir seus estudos, embora questões sobre identidade de gênero tenham obtido relevância em políticas que se vinculam ao campo da educação<sup>10</sup> (LIMA, 2020; ANDRADE, 2012). Assim, as trilhas de solidão pelas quais ela caminha são soerguidas pela falta de equidade e respeito às identidades de gênero no espaço escolar, e conseqüentemente, na ausência de representatividade seja pelo corpo docente ou discente.

Ao passo que a narrativa progride evidencia-se o *bullying* sofrido no colégio. Travers (2018), ao citar um estudo feito pela *Eagle Canada Human Rights Trust*, relatou que 95% dos alunos transgêneros se sentiam inseguros nas escolas, pois 90% relataram terem sido assediados verbalmente por causa de sua identidade de gênero, e 50% revelaram que seus professores e outros adultos em cargos de autoridade falharam em intervir nos comentários trans-opressores. Em estudos mais recentes, no Brasil, Caputo (2024) atesta que 60% dos alunos LGBT afirmam se sentir inseguros dentro dos muros da escola. Xavier e Viana (2023), por sua vez, verificaram em entrevista com estudantes trans que o bullying transfóbico provocou o abandono dos estudos. Infortunadamente, a realidade da protagonista não é diferente, uma vez que, lida frequentemente com piadas, ações discriminatórias, assédio moral e exclusão

10 No Brasil os exemplos são: o programa Brasil sem Homofobia (2004), o Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos (2006), e o documento Gênero e Diversidade Sexual na Escola: Reconhecer Diferenças e Recuperar Preconceitos (2007).



Ainda sobre o ambiente educacional e as crianças trans, Meadow (2018, p. 163) revela que,

muitas famílias descreveram o ambiente escolar como uma fonte de preocupação constante, um campo minado de potenciais microagressões ou, em alguns casos, uma rotina compulsória patentemente perigosa, de humilhação diária e desrespeito<sup>11</sup>.

A perspectiva do autor aproxima-se do que teóricos de diferentes áreas (sociologia, psicologia, pedagogia, psiquiatria, etc) têm observado quanto ao *bullying* sofrido por vidas trans. É dada a circulação da personagem trans no espaço escolar que as injúrias tomam espaço na narrativa. A intimidade mede a tirania das relações diante do novo, do “estranho”, revelando a falta de tomada de consciência de quem vem a ser o/a outro/ a e a tentativa de negação da autenticidade do corpo trans na escola.

Além das problemáticas escolares, e em consequência delas, a representação da solidão e exclusão da personagem como um dos principais infortúnios vividos é aprofundada em seu aniversário de 10 anos, dado que ninguém chega para celebrar a data. Conforme Oliveira (2018, p. 113):

Ao fugir dos padrões pré-estabelecidos pela sociedade, travestis e transexuais são expostas a situações de discriminação e exclusão, podendo desenvolver estratégias de resistência para garantir seu direito de ser ou então buscando meios para uma adaptação que garanta ao menos sua sobrevivência [...].

Na ocasião de seu aniversário revela-se que o abandono desencadeou sensações de ansiedade em Kayla, um sintoma recorrente nos *picturebooks* com personagens infantis trans. Além disso, o medo diante da necessidade de dialogar com os pais sobre a sua identidade de gênero e o seu desejo de transição é outro ponto pautado na obra: “Kyle sabia que precisava falar com seus pais, mas tinha medo de que eles a odiassem, como as crianças de sua classe, se soubessem a verdade sobre ela. Kyle se sentia sozinho no mundo”<sup>12</sup> (FRABRIKANT; LAVINE, 2013, s.p). Correspondente a outros *picturebooks*, o substantivo *truth*, do texto original, traduzido como “verdade”, aparece sugerindo que a subjetividade da personagem ainda não era formalmente sabida pelos/as outros/as ao seu redor, principalmente pela sua família.

Com os sentimentos feridos e ao se recusar ir à escola, a protagonista revela a família: “Eu sou um erro! Kyle gritou. Eu só pareço um menino, mas não sou como os outros meninos. Kyle exclamou: Eu não posso mais viver assim. Eu não pertenço aqui. Todos me odeiam. Eu quero viver no céu”<sup>13</sup> (FRABRIKANT; LAVINE, 2013, s.p). Se enxergar como um erro e presumir que todos a odeiam revela a baixa autoestima da personagem, desnudando a apresentação de sofrimentos emocionais intensificados. Miller (2018, p. 148) elucida que o livro com temática trans “faz um trabalho importante, deixando claro a dor e a vulnerabilidade experimentadas por muitas crianças transgênero, que muitas vezes recebem apoio inadequado ou são hostilizadas abertamente em casa e na escola”.

No que concerne às inseguranças emocionais, na pesquisa etnográfica de Meadow (2018) encontram-se relatos de pais de crianças trans que certificam que seus filhos apresentavam estresse, desconforto, ansiedades, frustrações e depressão na tentativa de contá-los/as sobre seus desejos ou suas identidades. Travers (2018) também se ocupou em estudar sobre a saúde mental de crianças trans, e revela que,

11 Tradução nossa Many families described the school environment as a source of constant worry, a minefield of potential microaggressions or, in some cases, a patently dangerous yet compulsory routine of daily humiliation and disregard.

12 Tradução nossa: “Kyle knew he had to talk to his parent, but he was afraid they would hate him, like the kids in his class, if they knew the truth about him. Kyle felt alone in the world” (FRABRIKANT; LAVINE, 2013, s.p).

13 Tradução nossa: “I’m a mistake! Kyle screamed. I only look like a boy, but I’m not like other boys. Kyle cried. I can’t live like this anymore. I don’t belong here. Everyone hates me. I want to live in heaven” (FRABRIKANT; LAVINE, 2013, s.p).

É sabido que, crianças trans estão desproporcionalmente em risco de automutilação e suicídio. Muitas das crianças com quem conversei lutam contra a depressão e a automutilação, e seus problemas de identidade de sexo/gênero parecem ser um fator nesses sentimentos. As crianças trans são particularmente vulneráveis à pressão coercitiva para se conformar às normas sociais de gênero, o que muitas vezes resulta em bullying e assédio de gênero por parte de colegas e muitas vezes em estigmatização social debilitante<sup>14</sup> (TRAVERS, 2018, p. 23).

Na narrativa literária, o/a leitor/a ao ler Kayla assumir que gostaria de viver no céu, um eufemismo para a cogitação de morte, se vê diante da drástica descrição da condição psicológica caótica da então menina trans. No campo teórico Salam e Chandola (2023) alertam que o vazio da solidão é um preditor significativo de ideação suicida entre transgêneros. Especificamente, quanto maior o nível de solidão, maior é a possibilidade de depressão e propensão de comportamentos ou ideação suicida.

A invisibilidade de sua identidade de gênero na esfera escolar e familiar a torna vulnerável ao suicídio. Contudo, guiados por uma grande tensão, ela é surpreendida pela pergunta de sua mãe: “É porque você se sente uma menina?” Em seguida, é acolhida com um abraço afetuoso dos pais. O silêncio dá lugar ao último diálogo familiar: “você não me odeiam? Kyle perguntou. Nós sempre te amaremos. Nada poderia mudar isso, disseram seus pais”<sup>15</sup> (FRABRIKANT; LAVINE, 2013, s.p). Nesse momento, a preocupação da personagem com relação ao possível sentimento de ódio e incompreensão dos pais dá lugar ao acolhimento familiar.

A partir de então, o narrador onisciente coloca o/a leitor/a diante da vivência de Kyle agora como Kayla, explicitando o diálogo sobre os sentimentos da protagonista como dispositivo para o melhoramento das situações vivenciadas. Kayla é apresentada pela sua mãe aos amigos que a esperam com um bolo, sugerindo a celebração de uma nova vida. Em sua apresentação, Kayla está com cabelos longos e vestido rosa. Sua imagem coaduna com a observação de Hill (2020, p. 99) sobre personagens trans: “meninas trans tiveram que declarar sua identidade transgênero antes que pudessem começar a usar um vestido, que muitas vezes era a pedra angular de feminilidade para essas crianças”<sup>16</sup>. Constata-se que a menina trans Kayla primeiro fala sobre sua transgeneridade aos seus pais, e só depois é possível verificar as mudanças em seu corpo, não só das vestes e do nome, como também do seu estado emocional.

Ao se dar conta de que poucos desenhos são coloridos no início da narrativa, salienta-se que as cores passam a ter maior visibilidade no momento em que a voz do narrador sinaliza que Kyle passa a viver como Kayla. Uma nova roupagem gráfica é dada cuja narração imagética representa suas vestes de forma colorida, acompanhando o estado emocional melhorado da protagonista, tal qual expresso na ilustração 4.

---

14 Tradução nossa: Trans kids are disproportionately at risk for self-harm and suicide. Many of the kids I spoke to struggle with depression and self-harm, and their sex/gender identity issues appear to be a factor in these feelings. Trans kids are particularly vulnerable to coercive pressure to conform to societal gender norms, which often results in bullying and gendered harassment by peers and often debilitating social stigmatization.

15 Tradução nossa: “Is it because you feel like a girl?” [...] “you don’t hate me? Kyle asked. We’ll always love you. Nothing could ever change that” kyle’s parents said (FRABRIKANT; LAVINE, 2013, s.p).

16 Tradução nossa: trans girls had to state their transgender identity before they could begin to wear a dress, which was often the cornerstone for these children of their femininity.

## ILUSTRAÇÃO 4: próteses de gênero



Fonte: arquivo pessoal dos autores.

As cores usadas desde então seguramente revelam a própria possibilidade de vida, ainda assim, o narrador não deixa de explicitar as dificuldades ainda enfrentadas pela menina: o não entendimento por parte de alguns professores e outros colegas, a não aceitação dos outros pais da comunidade e a difamação permanecem sendo dilemas transfóbicos enfrentados. Apesar disso, também mostra o acolhimento e parceria com as três novas melhores amigas, com membros da família e com outros integrantes da equipe educacional.

É muito provável que a mudança de atitude e o apoio dado à protagonista sejam frutos de demandas dos pais com relação a mobilização e conscientização sobre a diversidade de gênero na infância.

A diversidade de gênero na infância e juventude vai-se tornando cada vez mais visível e reconhecida e interpelando as políticas públicas, incluindo as educativas, à medida que as mães e os pais destas crianças e jovens vão ficando conscientes deste fenômeno e com maior disponibilidade para apoiar os seus filhos e filhas na sua vivência de gênero, e se vão encontrando (para o que muito contribui a Internet) e criando formas de mobilização e reivindicação coletiva, de que são exemplo as associações de mães e pais de crianças trans ou diversas em termos de gênero (SALEIRO, 2017, p. 153).

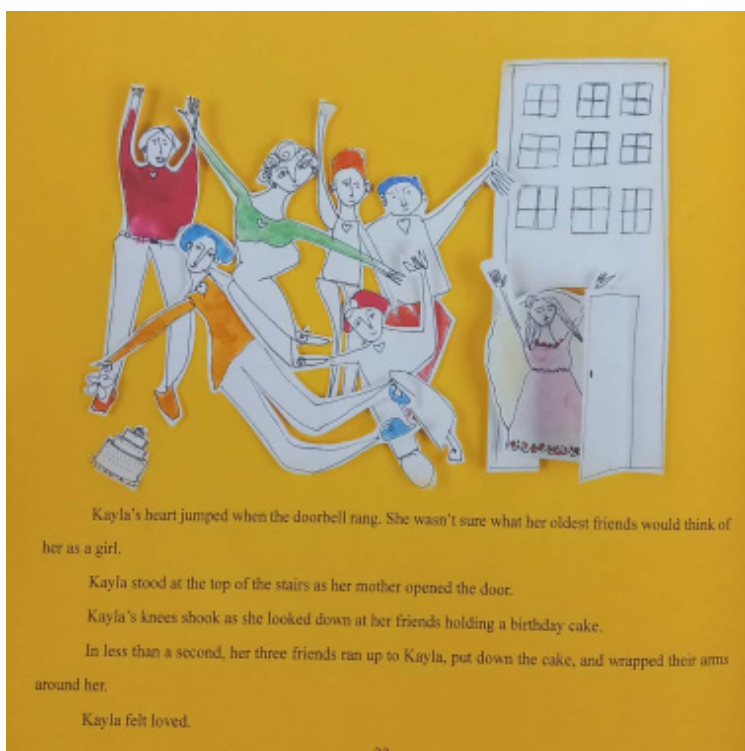
Não à toa, as modificações positivas no cotidiano da protagonista se deram em decorrência do suporte familiar. A contracapa, por exemplo, é a representação de um dos momentos mais felizes da vida de Kayla, à semelhança do seu aniversário, que é ressignificado quando é apresentada como menina trans. A celebração de sua nova vida é interpretada pelas cores e alegrias dos que com ela se alegram.

Ao basear-se em Hannah Arendt, Ortega (2020, p. 9) afirma o desenvolvimento de novas formas de *amor mundi* como alternativa para recriar outros olhares acerca de relacionamentos de amizade e respeito como fenômeno político, que [...] “dependem de uma publicidade, de um espaço de visi-

bilidade capaz de iluminar os acontecimentos humanos, de um mundo comum que una ou separe os indivíduos, mantendo sempre a distância entre eles, condição da pluralidade”. Concorda-se com Ortega (2020, p. 12) que é via fuga da margem da segurança, o confronto e convívio com o novo, sem desconfianças, o modo eficaz de “sacudir formas fixas de sociabilidade, de viver no presente e de reescrever nossa subjetividade, de recriar o *amor mundi* e reinventar a amizade, levando a sério a incomensurabilidade existente entre o eu e o outro”.

Diante de um ideal de felicidade, a amizade é uma forma de sociabilidade que “não substituindo a família, possam coexistir com ela, e fornecer um apoio material, emocional e cognitivo que permita uma superação solidária dos riscos” (ORTEGA, 2020, p. 14), preservando a pluralidade e a liberdade entre os/as sujeitos/as que renunciam qualquer modelo dominante. A amizade como exercício político e fenômeno público subjaz de sensibilidade já que “é intensificando nossas redes de amizade que podemos reinventar o político” (ORTEGA, 2020, p. 17), assim como, experienciado no *picturebook*.

#### ILUSTRAÇÃO 5: diversidade



Fonte: arquivo pessoal dos autores.

Curiosamente, todos/as que ali festejam são representados/as com um coração em suas roupas. É possível notar que quatro personagens têm cabelos coloridos, uma simbologia da comemoração da diversidade e pluralidade. Nas páginas a seguir percebe-se a continuação da diversidade de cores que coadunam com a alegria e a satisfação vivida pela protagonista.

Ao final da narrativa Kayla passa a ser mais enfatizada, e sua feminilidade contrasta com seu passado. No presente há um mágico contentamento diante da vida, por conseguinte, a trajetória cheia de medos e solidão faz parte de memórias a serem superadas após assumir a sua nova identidade, ainda assim, de nenhum modo suas dores foram romantizadas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos de gênero e, especificamente, os estudos trans vêm compondo debates significativos, incluindo aqueles/aquelas que pertencem a uma comunidade defensora de identidades que modelam perspectivas anti-essencialista do gênero e dos direitos trans. Tendo em vista as precariedades a quais estão sujeitos, os cuidados com a saúde mental, a discriminação, as violências, as vulnerabilidades, os ativismos políticos, os direitos à saúde e cidadania estão entre os temas de diversas investigações.

Em vista disso, foi possível averiguar que tais aspectos encontram brechas em obras literárias para a infância. Não por acaso, a identidade de gênero trans enquanto representação e ressignificação de atos e efeitos têm sido representada em *picturebooks* desde 2008. Tencionando paradigmas clássicos da literatura infantil é inegável que tais narrativas dão visibilidade e denunciam repugnâncias sobre questões ainda pouco exploradas no âmbito da literatura de língua inglesa.

Dentre as obras de língua inglesa, Amy Fabrikant e Jennifer Lavine com o *picturebook When Kayla was Kyke* sugerem a transição de gênero da protagonista que, por consequência de sua identidade, lida com a dor da solidão. Como apontaram as análises, seu corpo, a princípio encarado como um corpo dócil, resiste às brincadeiras e jogos que tendem a solidificar a expressão de gênero masculina. Por meio de seu Eu-lírico a insegurança no espaço escolar, exclusão e ansiedades são explicitadas, e encaminham a narrativa para o diálogo sobre a autoidentificação enquanto menina trans, ressignificando as relações e os espaços por onde circula.

Em linhas gerais, através da história de Kayla nota-se o retrato de uma infância que resiste às normatividades e busca reinventar a sua própria existência, encontrando o tão esperado acolhimento por parte de sua família, amigos e profissionais da educação. A presença dessa protagonista no universo dos *picturebook* propõe espaços de inclusão de infâncias divergentes na compreensão do que é ser criança.

Por fim, considera-se que a criação de *picturebooks* com personagens trans no ambiente escolar soerguem formas de dialogar sobre os recorrentes atos de discriminação e transfobia nesse espaço. Enquanto dispositivo de consciência social promove o reconhecimento de identidades de gênero e permite pensar nas dores causadas por ações discriminatórias implícitas ou veladas, na exclusão, depressão e solidão sentida por crianças trans. Consequentemente, essa produção cultural pode fazer com que a escola aproveite o potencial de transformar radicalmente políticas sociais e educacionais dominantes, dentre elas as práticas cisgêneras, almejando fluidez e pluralidade.

## Referências

ANDRADE, L. N. *Travestis na escola: assujeitamento ou resistência à ordem normativa*. 2012. 279f. – Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2012.

BENTO, B. *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.

\_\_\_\_\_. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. *Revista de Estudos Feministas* – REF, Florianópolis, v. 2, n. 19, p.548-559. Maio-agosto/2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/DMNhmpzNbKWgH8zbgQhLQks/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 16 out. 2024.

- BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 8º Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- CARDOSO, T. V. B. *Quem enxerga a criança trans?* Memórias de um menino transgressor. REBEH: UFNT. Vol. 03, n. 09, 2020.
- CAPUTO, U. N. *Bullying escolar LGBTfóbico não é brincadeira: escutando sujeitos e perscrutando sentidos implicados na violência*. Instituto de Psicologia: USP, 2024.
- ESPOSITO, J. We're here, we're queer, but we're just like heterosexuals: A cultural studies analysis of lesbian themed children's books. *The Journal of Educational Foundations*, 23(3/4), 61, 2009.
- FABRIKANT, A. LEVINE, J. *When Kayla was kyle*. USA: ARPG, 2013.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução Raquel Ramallete. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- \_\_\_\_\_. *A história da sexualidade: a vontade de saber*. 23. ed. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1987.
- HILL, J. *Are You a Boy or a Girl?: Representations of Transgender Children in Picture Books*. 2020. (Doctoral dissertation). Retrieved from <https://scholarcommons.sc.edu/etd/5743>.
- JUNQUEIRA, R. D. Pedagogia do armário e currículo em ação: heteronormatividade, heterossexismo e homofobia no cotidiano escolar. In: MISKOLCI, Richard (org.). *Discursos fora de ordem: deslocamentos, reinvenções e direitos*. São Paulo: Annablume. 2012, p. 277-305.
- LIMA, T. Educação básica e o acesso de transexuais e travestis à educação superior. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 77, p. 70-87, dez. 2020.
- LOURO, G. L. *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Patrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- \_\_\_\_\_. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 3. Ed – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.
- MADALENA, E. V. Temática transgênero na literatura infantil. *Elos. Revista de Literatura Infantil e Juvenil*, ISSN 2386-7620, n.º 4, p. 159-178, 2017.
- MEADOW, T. *Trans kids: being gendered in the twenty-first century*. California: University of California Press, 2018.
- MEADOW, T. Child. *TSQ: Transgender Studies Quarterly*, 1(1–2), 57–59. 2014 Disponível em: <https://doi.org/10.1215/23289252-2399596> Acesso: 03/01/2023.
- MILLER, J. *The Transformative Potential of LGBTQ+ Children's Picture Books*. (Children's Literature Association Series) University Press of Mississippi, 2022.
- MISKOLCI, R. *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*. Belo Horizonte: autentica Editora: UFOP, 2012.
- NODELMAN, P. *Words About Pictures: The Narrative Art of Children's Picturebooks*. Athens: University of Georgia Press, 1988.
- OLIVEIRA, M. R. G. *Minha vida em cor-de-rosa: cenas e encenações da transexualidade feminina na infância*. USP: Revista Aspás | Vol. 8 | n. 1 | 2018.
- ORTEGA, F. *Caderno de Leituras n. 109: Por uma ética e uma política da amizade*. Edições Chão da Feira: Belo Horizonte, 2020.
- PRECIADO, B. *O manifesto contrassexual*. São Paulo: N-1 edições, 2014.
- ROBERTSON, M. A. *Growing Up Queer: Kids and the Remaking of LGBTQ Identity*. New York: New York University Press, 2018.
- SALEIRO, S. P. *Diversidade de gênero na infância e educação: contributos para uma escola sensível ao (trans)*

género. *ex aequo*, (36), 2017.

SALISBURY, M; STYLES, M. *Children's Picture books: The art of visual storytelling*. London: Laurence King Publishing Ltd, 2012.

SAPP, J. *Lesbian and Gay Voices: An Annotated Bibliography and Guide to Literature for Children and Young Adults*. Vol. 35, N. 1, 2010.

SALAM M. M; CHANDOLA, R. Exploring the link between loneliness and suicidal ideation in transgender individuals. *India: European Chemical Bulletin*, 12(Special Issue 4), 2023.

SILVA, T. T. *Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo/ Tomaz Tadeu da Silva*. 3. Ed. – 1 reimp – Belo Horizonte: Autêntica. 2010.

STRYKER, S. My words to Victor Frankenstein above the village of Chamonix: Performing transgender rage. In: *The transgender studies reader* / edited by Susan Stryker and Stephen Whittle. New York: Routledge. 2006.

TRAVERS. A. *The Trans Generation: How Trans Kids (and Their Parents) Are Creating a Gender Revolution*. New York: New York University Press, 2018.

YADEGARFARD, M. (et. At.). Family Rejection, Social Isolation, and Loneliness as Predictors of Negative Health Outcomes (Depression, Suicidal Ideation, and Sexual Risk Behavior) Among Thai Male-to-Female Transgender Adolescents. *Journal of LGBT Youth*, NY: Routledge Taylor & Francis Group, 2014.

XAVIER, T. P. O; VIANNA, C. A Educação de Pessoas Trans\*: relatos de exclusão, abjeção e luta. *Educação & Realidade*: Porto Alegre, v. 48, e124022, 2023.

Recebido em: 29/12/2023

Aceito em: 11/11/2024